

A LXX NO CONTEXTO DO NOVO TESTAMENTO

*Milton L. Torres**

A Septuaginta foi a primeira tradução completa das Escrituras Hebraicas. Ela foi a Bíblia usada pelos apóstolos para a pregação da Palavra de Deus ao mundo romano, profundamente influenciado pela língua e pela cultura grega. Apesar de importantíssima para a compreensão do contexto do Novo Testamento e para a compreensão de como os primeiros cristãos viam o Antigo Testamento, os estudos da Septuaginta têm, infelizmente, ocupado um papel secundário na erudição bíblica.

É o propósito deste artigo chamar a atenção para a valiosa contribuição que os estudos septuagínticos podem dar à teologia. Para isso, o que se propõe é demonstrar que a Septuaginta (doravante, LXX) desempenhou papel de relevância no surgimento do Cristianismo. Isso será mostrado através da confirmação de alguns aspectos pertinentes ao mundo cristão primitivo:

a) que os judeus estavam, naquela época, já com um elevado grau de helenização;

b) que a LXX se originou para atender as necessidades de uma comunidade helênico-judaica (na cidade de Alexandria) de importância capital nos séculos que antecederam à proclamação do evangelho;

c) que o desenvolvimento histórico do Texto Septuagíntico (doravante, TS) é tão ou mais confiável do que o do Texto Massorético (doravante, TM);

d) que a língua grega (na qual foi escrita a LXX) era a língua franca do mundo cristão primitivo;

e) que a LXX serviu de base para muitas das mais antigas traduções da Bíblia;

f) que a LXX foi a Bíblia com a qual se refutaram as primeiras heresias que penetraram no seio da Igreja Cristã;

g) e, finalmente, que a LXX foi o texto do Antigo Testamento empregado pelos próprios autores inspirados do Novo Testamento.

A Helenização do Mundo Judaico

No Egito, os judeus tornaram-se numerosos mesmo antes dos ptolomeus. Por mais de um século a Palestina pertenceu ao Império Egípcio Ptolomaico e esse contato não foi interrompido pela anexação da Palestina aos selêucidas da Síria.

Houve, por isso, uma helenização forçada, seguida de uma reação nacional. No entanto, a resistência durou pouco e, logo, a helenização prosseguiu de modo

*Milton L. Torres, professor do IAENE. Atualmente está cursando o Ph. D. em línguas clássicas na Universidade do Texas, EUA.

irresistível. Com o domínio romano, esse processo tornou-se ainda mais necessário: os judeus tornaram-se minoria mesmo em Jerusalém ao passo que as cidades gregas tornaram-se cada vez mais convidativas. A língua aramaica pouco contribuiu para manter sua unidade e o idioma grego se-lhes tornou um imperativo.¹

Não há evidências de segregação racial contra os judeus no mundo helênico. Pelo contrário, os indícios apontam para sua ampla aceitação, afinal de contas, desde Isócrates que a origem havia deixado de ser condição para que alguém fosse considerado grego. A cultura era o elemento determinante para tal.

Mason apresenta evidência de que os judeus eram mesmo genericamente considerados, pelos gregos, como uma nação de filósofos.² Vários fatores possibilitaram essa apreciação favorável pelos gregos:

a) os judeus tinham uma visão filosófica da divindade (isto é, adoravam um Deus inefável e invisível que não podia ser representado por imagens de escultura);

b) os aspectos cúlticos do judaísmo (isto é, templos, sacerdotes e sacrifícios) só eram vistos em Jerusalém – a sinagoga era considerada principalmente como um local de estudo e discussão (que atraía grandes audiências);

c) os judeus eram conhecidos por sua vida disciplinada (com abstinência de certos alimentos e observância de certos dias);

d) a comunidade judaica era fechada (isto é, o acesso só era facultado aos iniciados).

Apesar disso, de modo contrário, a apreciação que os judeus recebiam por parte dos romanos era a de *superstitio* (termo que, normalmente, se referia a um culto estrangeiro ou a uma seita fanática), tendo sido expulsos de Roma por duas vezes (139 a.C. e 19 AD). Precisamente por isso, Filo e Josefo tanto se esforçaram para trazer para o judaísmo uma classificação mais prestigiosa por parte dos romanos. Essa visão comprometida com a filosofia acabou corroborando para que ambos fossem acusados de representar mal o judaísmo.

Ora, o próprio rabinismo que acusa a Filo e Josefo de se aproximarem excessivamente da filosofia se apresenta com uma roupagem inegavelmente filosófica, conforme declara Bickerman.³ Essa preocupação de Filo e Josefo levou-os a buscar uma valorização de Moisés, o fundador do sistema judaico e o implementador de suas leis.

Por volta do séc. III a.C., a comunidade judaica de Alexandria não apenas havia sofrido ampla helenização como havia abandonado o aramaico a tal ponto que uma tradução da Torah para o grego se tornou uma necessidade. De acordo

¹Cf. M. Hengel, *Judentum und Hellenismus* (Tübingen, 1969).

²Steve Mason, *Philosophia As a Group-Designation In Graeco-Roman Society, Judaism, and Early Christianity*, Learned Societies Conference (Victoria BC: York University, 1990).

³E. J. Bickerman, "La chane de la tradition pharisienne". Em E. J. Bickerman, *Studies in Jewish and Christian History* (Leiden: E.J. Brill, 1980), 262.

com Treu, o afamado erudito Filo de Alexandria se refere ao grego, naquela época, como “nossa língua”.⁴

Enquanto alguns dos escritos daquela época permanecem primariamente em círculos judaicos, outros adotam as formas literárias helenísticas e a língua grega. Os nomes de alguns autores foram transmitidos e os fragmentos preservados permitem-nos saber que tais autores sentiam-se à vontade com o grego. Em Filo de Alexandria tal literatura helênico-judaica encontra sua mais alta expressão.

Interessantemente, a literatura judaica posterior sequer menciona Filo. A única razão de seus escritos terem sido preservados se deve, segundo Treu, ao fato de o autor ter sido interpretado como preparatório para o Cristianismo.⁵ É possível que autores judaicos que não tivessem sido objetos de uma interpretação favorável por parte dos cristãos não tenham tido a mesma sorte. Isso explicaria por que tão poucas obras judaico-helênicas nos tenham chegado. Os cristãos, considerando tais obras como mera concorrência, corroboraram para seu esquecimento.

Um tema recorrente nos estudos filônicos é a indagação se Filo era um pensador judaico com uma educação grega ou um filósofo grego com educação judaica. Hilgert faz uma revisão bibliográfica da questão e conclui que Filo poderia tanto ser descrito como um judeu fiel quanto como um helenista, argumentando que diversos fatores sociológicos e políticos podem ser apontados como responsáveis por essa dupla cultura e pelo surgimento de um judaísmo helenista.⁶

Filo representa o judaísmo da diáspora que fala e escreve em grego. Josefo, por outro lado, é o representante do judaísmo que faz um emprego artificial da língua grega: ele escreve sua *Guerra Judaica* inicialmente em aramaico e, subsequentemente, como relata em seu prefácio, a verte para o grego com a ajuda de tradutores.⁷

Os judeus de Alexandria eram ricos e altamente educados, conforme o comprovam os achados da papirologia. Aproximadamente no ano 5 a.C., Heleno, filho de Tirfo, escreve uma carta ao prefeito, reclamando que, apesar de ser filho de um cidadão romano, se-lhe estava exigindo o pagamento do imposto principal, o que equivalia a colocá-lo em pé de igualdade com os egípcios. O conteúdo geral do documento revela dois fatos: primeiro, que os judeus de Alexandria buscavam o *status* de cidadãos sob a alegação de que haviam recebido educação grega; e, segundo, que os oficiais romanos tomavam medidas

⁴Kurt Treu, “The significance of Greek for Jews in the Roman Empire.” *Kairos* NF 15, 1/2 (1973), 123-144.

⁵*Ibid.*

⁶Earle Hilgert, “Philo Judaeus et Alexandrinus: The state of the Problem”. Em: John Peter Kenney (ed.), *The School of Moses: Studies in Philo and Hellenistic Religion*, Brown Judaic Studies 304 (Atlanta: Scholars Press, 1995), 1-15.

⁷Saulo de Tarso, o cidadão romano que se converteu ao Cristianismo e se tornou o grande apóstolo Paulo, estaria exatamente em uma posição intermediária entre Filo e Josefo, pois, fluente no aramaico por causa de sua ascendência judaica, era tão fluente no grego a ponto de ser confundido com um egípcio por um comandante romano em Jerusalém.

restritivas a fim de lhes negar tal *status*. Isso culminou com a declaração de Cláudio aos habitantes de Alexandria, no ano 41 AD, que estabelecia, com nitidez, o fato de que, embora detentores de um *status* étnico-religioso privilegiado, os judeus não deveriam receber igualdade política e cultural com os gregos.

Uma dissociação dos judeus para com a língua grega só começa a acontecer muito mais tarde – no entanto, tal dissociação é lenta e gradativa. Entre o séc. II e o séc. IV, os eruditos do judaísmo empreenderam um vasto trabalho de compilação denominado Talmude, em aramaico e hebraico. Apesar de tal obra nunca ter sido traduzida para o grego, seu conteúdo está repleto de palavras tomadas de empréstimo do universo helênico: *dêmos*, *politeia*, *archon*, *bulé*, *oikónomos*, *nomos*, *agorá*, *agón*, *athletes*, *theatron*, *stoá*, *paidagogós*, *rhêtor*, *poietés*, *sophistés*, *philósophos*, *geometria*, *pínax*, *pápyros*, etc.⁸

O abandono da língua grega por parte dos judeus da diáspora teve motivação religiosa e só começou a se concretizar por volta dos séc. VI e VII. Até esse período, Treu apresenta diversas instâncias de oposição rabínica ao uso do grego entre judeus.⁹

Em suma, no que diz respeito à relação íntima desenvolvida entre a comunidade judaica de Alexandria e a língua e cultura gregas, pode-se afirmar, com Walter, que “não se trata de hipersimplificação se dissermos que os judeus assumiram a língua grega e, com ela, o modo gregó de pensar.”¹⁰ Não obstante, paradoxalmente, os judeus mantiveram sua identidade mesmo tendo o grego como sua língua.

Alexandria como Sede da Cultura Judaica

A cidade africana de Alexandria tem sido tradicionalmente considerada como uma das principais sedes da cultura helênica, durante seu apogeu. Tal apreço se deve, em grande parte, à existência da famosa biblioteca e de seu museu.

A biblioteca de Alexandria é uma lenda - não um mito, mas uma lenda. Apesar dos diversos relatos de sua destruição e das incontáveis listas de seus administradores notáveis, há pouquíssimos dados acerca de sua localização, estrutura, organização e administração.

Embora Lívio, em um de seus livros perdidos (citado por Sêneca), descreva como seus 40 mil volumes foram acomodados em um depósito de cereais perto

⁸Os termos significam respectivamente: povo, cidadania, príncipe, propósito, servo, lei, praça, atleta, teatro, pórtico, aio, orador, poeta, sofista, filósofo, geometria, prato, papiro, etc. Obviamente, as palavras latinas estão igualmente presentes: Kaiser, imperator, magistratus, officio, senator, tribunos, speculator, dux, custodia, matrona, etc. Respectivamente, César, imperador, magistrado, officio, senador, tribuno, guarda, príncipe (ou capitão), custódia, matrona, etc.

⁹Treu, 123-144.

¹⁰N. Walter, "Frühe Begegnungen zwischen Glauben und hellenistischer Bildung in Alexandrien." Em: Neue Beiträge zur Geschichte der alten Welt (Berlin, 1964), 368.

do porto e incendiados por Júlio César em seu ataque à frota do irmão de Cleópatra, há evidências que sugerem a existência não de uma, mas de três bibliotecas na cidade.

A primeira menção da biblioteca vem justamente de um erudito judaico. A carta de Aristetas (cerca de 180-145 a.C.), um sábio do judaísmo que estava na Biblioteca a fim de fazer a crônica da tradução das Escrituras judaicas para o grego. Essa tradução teria sido empreendida, sob as ordens de Demétrio de Falero, por setenta e dois rabis.¹¹ Demétrio era um exilado ateniense cujo patrono era nada menos do que Ptolomeu I Soter. O próprio Demétrio havia sido, por dez anos, um tirano em Atenas e um filósofo peripatético da primeira geração, discípulo de Aristóteles e co-discípulo de Teofrasto e Alexandre, o Grande. Quando no poder em Atenas, Demétrio ajudou Teofrasto a fundar um liceu dedicado aos estudos aristotélicos seguindo o modelo da Academia de Platão. Assim, quando, em 297 a.C., Teofrasto foi convidado para ser tutor do filho de Ptolomeu I Soter, recusou a oferta e indicou Demétrio, que havia sido expulso de Atenas por causa das rixas entre os sucessores de Alexandre.

Os primórdios da biblioteca se ligam ao conselho dado por Demétrio ao faraó para que colecionasse livros sobre os diversos tipos de regimes de governo a fim de que se pudesse criar uma mentalidade de rei-filósofo conforme proposta por Platão. Demétrio insistiu também para que se adquirisse uma vasta bibliografia representativa dos vários povos a fim de que o soberano pudesse conhecer melhor os seus súditos.

Na época de Demétrio (final do séc. III a.C.), as bibliotecas gregas eram geralmente coleções de manuscritos que pertenciam a particulares, como era o caso, por exemplo, da biblioteca de Aristóteles. A grande ambição de Ptolomeu, que era a aquisição de toda a literatura do mundo, levou à transformação dessas coleções particulares em uma verdadeira biblioteca, a Internet dos tempos antigos, que chegou, na época de Calímaco, ao montante de 490 mil manuscritos.¹²

Os ptolomaicos (de descendência greco-macedônica) governaram o Egito entre 323 e 30 a.C., implantando ali um domínio da língua e cultura gregas que duraria um milênio. Segundo Van Minnen, o número de papíros gregos publicados até hoje é de cerca de 50 mil, mas o que resta a ser publicado seria quase sete vezes esse número, incluindo cartas, memorandos, relatórios, horóscopos, amuletos e documentos literários.¹³ Isso significa que muito do que sabemos acerca da cultura grega do mundo antigo ainda pode estar sujeito a

¹¹Thackeray, Brock, Perrot e alguns outros estudiosos consideram improvável que Demétrio tenha dado ordens específicas para que a tradução fosse feita. Para esses eruditos, o empreendimento pode ter sido motivado por causa das necessidades litúrgicas ou educacionais da comunidade judaica em Alexandria, ou, quem sabe, por uma estratégia proselitista. Cf. Julio Trebolle Barrera, *The Jewish Bible and the Christian Bible* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1998), 303.

¹²Cerca de 400 mil desses manuscritos eram mistos, isto é, incluíam mais de uma obra; e 90 mil incluíam apenas uma única obra.

¹³Peter Van Minnen, *The Beginning of Understanding: Writing in the Ancient World* (Ann Arbor, MI: The Kelsey Museum of Archaeology, 1991).

revisão. Van Minnen chega a insinuar que esses documentos seriam mais apropriados para a reconstituição autêntica daquela cultura, pois, como não foram escritos com uma preocupação voltada para a posteridade, estão, portanto, isentos dos preconceitos amiúde encontrados entre os clássicos.

Em Alexandria, os judeus produziram uma literatura considerável (embora a maior parte dela esteja agora perdida). Tal literatura se destinava principalmente a inculcar nos judeus que falavam grego um certo orgulho por seu passado e diminuir um pouco do complexo de inferioridade que sobre eles se abatera na diáspora.

No final do séc. III a.C., Demétrio escreveu uma obra intitulada *Acerca dos Reis da Judéia*, talvez para refutar um escritor anti-semita egípcio que duvidava da cronologia daqueles reis. Logo depois, um outro judeu denominado Hecateu escreveu a obra *Acerca dos Judeus*. Por volta de 150 a.C., Eupólemo, como Demétrio, escreveu seu *Acerca dos Reis da Judéia*, de natureza apologética, que afirmava ter Moisés ensinado o alfabeto não apenas aos judeus, mas também aos fenícios e aos gregos.

Artapano (cerca de 100 a.C.) idealizou Moisés ainda mais, identificando-o romanticamente com o grego Museu e com o deus egípcio da cultura e da escrita, Hermes-Tote, insinuando que o próprio Moisés havia sido o fundador da civilização egípcia! Seguindo essa linha, Cleodemo Malco, buscando conquistar a simpatia dos gregos, asseverou que dois filhos de Abraão haviam acompanhado Hércules (o Hércules dos romanos) em sua expedição à África, o qual teria acabado por se casar com a filha de um deles. Jasão de Cirene (cerca de 100 a.C.), por outro lado, escreveu uma versão mais longa de 2 Macabeus com o típico estilo helênico de ênfase no *pathos*.¹⁴ Mesmo 3 Macabeus é uma propaganda judaica voltada aos judeus que residiam em Alexandria.

Finalmente, o ancião Filo compôs um épico intitulado *Acerca de Jerusalém*, em hexâmetros homéricos; e Teódoto (cerca de 100 a.C.), um épico intitulado *Acerca de Siquém*, buscando associar esta figura judaica com Sikímios, o filho de Hermes. Além disso, muita literatura foi deixada anônima com a intenção de ser atribuída a autores gregos, como é o caso do poeta judaico que escreveu um poema didático à moda de Focílides, e dos assim chamados *Oráculos Sibílicos* que contêm profecias judaicas com disfarce pagão.

Mas a mais notável contribuição da literatura judaica de Alexandria foi precisamente sua tentativa de harmonizar os ensinamentos de Moisés à filosofia grega. Já Aristóbulo, no séc. II a.C., antecipava Filo, empregando a alegoria para explicar os antropomorfismos da Bíblia e procurando mostrar que os gregos haviam dependido dos princípios mosaicos para montar sua filosofia.

Filo foi o grande nome desse empreendimento de construção de um sistema judaico que pudesse incorporar elementos da filosofia grega. E ele o fez: conseguiu, de certa forma, harmonizar a filosofia platônica e a Torah, através da

¹⁴*Pathos* se refere ao profundo sofrimento descrito no drama alexandrino. Essa característica introduziu-se na literatura helênica proveniente do assim chamado *estilo asiático*, de características orientais.

doutrina do Logos, uma hipóstase intermediária entre Deus e o mundo. O pensamento filônico serviu de alicerce para o neoplatonismo e o gnosticismo, também influenciando o evangelho de João e os primeiros padres da igreja.

Ora, os judeus de Alexandria buscavam, com disposição, a admissão de seus filhos aos ginásios gregos e, por isso, tiveram que fazer concessões. Dessa forma, a cultura helênica penetrou inexoravelmente no seio judaico, em Alexandria, conquistando um espaço que influenciaria definitivamente qualquer literatura produzida por judeus naquela cidade.

É precisamente nesse contexto que surge o mais importante empreendimento judaico do período de supremacia da famosa biblioteca de Alexandria: a tradução das Escrituras Judaicas para a língua grega – a chamada Septuaginta (LXX).

A História do Texto Septuagíntico

A primeira história do Texto Septuagíntico (TS) aparece nesse documento de data incerta denominado de *Carta de Aristeas*, presumivelmente escrito por um certo Aristeas, oficial da corte de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.). Aristeas alega ter sido testemunha ocular de alguns incidentes relacionados à tradução.

Segundo ele, Ptolomeu desejava que a Biblioteca Real de Alexandria contivesse um exemplar de todos os livros até então escritos. Por isso, por sugestão do bibliotecário Demétrio de Falero, o rei ordenou que se escrevesse uma carta a Eleazar, sumo sacerdote em Jerusalém, solicitando que este lhe enviasse seis anciãos (versados na Torah e capazes de traduzi-la ao grego) de cada uma das 12 tribos.

Tais eruditos foram levados a um sítio aprazível na ilha de Faros a fim de realizarem, em confortáveis aposentos, um trabalho individual de tradução. Por uma feliz coincidência, esse empreendimento foi terminado em 72 dias e, depois de um cotejo minucioso dos diversos resultados, se aceitou o produto final como sendo uma tradução acurada. Finalmente, foi evocada uma maldição sobre qualquer um que alterasse a mesma, por transposição, adição ou mutilação (um relato posterior de Filo alega que os anciãos, ao compararem os diferentes resultados, constataram que, por obra divina, teriam produzido trabalhos idênticos).

Esse relato, contudo, tem sido modernamente considerado como uma idealização dos fatos reais, uma ficção. Muitos acreditam hoje que o principal propósito da tradução tenha sido atender às necessidades de uma grande comunidade judia em Alexandria que não mais podia fazer uso da língua hebraica.¹⁵ Além disso, o período mais provável de escritura da carta é de 150 a

¹⁵Cf. Bruce M. Metzger, "Important Early Translations of the Bible," *Bibliotheca Sacra* 150:597 (janeiro - março de 1993), 37-38. Rost, Barthélemy e Mélèze-Modrzejewski protestam contra essa posição, alegando que a tradução apresenta as características comumente associadas a uma versão oficial, conforme o indicariam estudos comparativos com versões oficiais do sistema *lagides*, a lei comum do Egito naquela época. Além disso, o relato de Aristeas seria confirmado por relatos análogos em Filo, Josefo e fontes tanto rabínicas quanto cristãs. Cf. Barrera, 303.

100 a.C.¹⁶

A despeito da natureza aparentemente mítica dos primeiros relatos acerca da história da LXX, alguns pontos podem ser dados como certos:

a) o Pentateuco foi a primeira porção a ser traduzida (sua unidade e peculiaridades fazem crer que tenha sido traduzido num único esforço e não pelas mesmas pessoas que traduziram os demais livros);

b) a homogeneidade da obra parece indicar que não houve um grupo tão grande de tradutores (talvez não mais do que cinco);

c) sua língua se assemelha mais ao grego usado no Egito.

Certos eruditos percebem, não obstante, evidências de pelo menos duas fases no processo tradutório: a primeira comprovadamente empreendida em Alexandria, incluindo o Pentateuco, 1-4 Juízes, 1-2 Reis, 1-2 Paralipomena (1-2 Crônicas), 3 Macabeus, Provérbios, Jó, os Profetas Menores, Isaías, Jeremias, Baruque, Esdras, etc.; a segunda supostamente realizada na Palestina: Rute, Ester, Cantares, Lamentações, Judite, 1 Macabeus, etc.¹⁷

Com respeito às edições modernas do TS, pode-se dizer que predominam duas tendências: os textos diplomáticos e os textos críticos. Os textos diplomáticos são edições fiéis a um único manuscrito, enquanto isso, as edições críticas resultam do cotejo entre dois ou, preferivelmente, mais manuscritos. Desde 1940 não se publicam mais edições diplomáticas da LXX que, geralmente, tinham por base o *Codex Vaticanus* (B).

Das edições críticas da LXX, a mais conhecida popular é atualmente a de Rahfs. No entanto, essa edição não tem a mesma confiabilidade das edições críticas do NT, pois tem por base apenas três manuscritos: os códices *Vaticanus*, *Sinaiticus* e *Alexandrinus* (nenhum dos quais anterior ao séc. IV AD). Combs declara que, em termos comparativos, a edição de Rahfs se assemelha ao *Textus Receptus* da Idade Média.¹⁸

A LXX era a versão oficial das Sagradas Escrituras (principalmente para os cristãos e os judeus da Diáspora) até o século II da Era Cristã. Dois fatores principais levaram a sua rejeição por parte dos judeus:

a) o fato de algumas de suas porções serem interpretadas pelos cristãos como se referindo a Cristo (especialmente com respeito às controvérsias quanto ao Salmo 96:10 e a Isaías 7:14);

b) a fixação do texto hebraico por eruditos da Palestina no final do primeiro século AD.¹⁹

¹⁶Cf. uma paráfrase que aparece em Josefo, *Antiquities of the Jews* (12.12-118).

¹⁷Cf. Barrera, 303.

¹⁸William W. Combs, "The Transmission-History of the Septuagint." *Bibliotheca Sacra* 146:583 (julho de 1989), 257.

¹⁹Uma das críticas dirigidas à *Revised Standard Version* era que ela dependia muito da LXX em vez de seguir o TM com mais fidelidade. No entanto, com base no fato de que foi verificado que a fixação do TM é tardia, muitos críticos já estão reestudando sua antiga posição. A conjectura lançada pelos tradutores da RSV de que o TS seria de grande ajuda na tradução do AT se confirma cada vez mais. Cf. Everett F. Harrison, "The Importance of Septuagint for Biblical Studies: Part I." *Bibliotheca Sacra* 112:448 (outubro de 1955), 344-355.

Assim, novas traduções foram produzidas com a finalidade de atender à comunidade judaica: a de Áqüila, a de Teodócio e a de Símaco.²⁰ Os cristãos, por sua vez, reagiram a isso com três recensões da LXX no séc. III: a de Orígenes, a de Hesíquio e a de Luciano.

No entanto, o período que vai do término do empreendimento tradutório da LXX, no século II a.C., até as demais traduções gregas (realizadas pelos judeus 300 anos depois) era uma lacuna misteriosa sobre a qual pouco se sabia. Porém, dois acontecimentos notáveis alteraram isso de forma dramática! Em 1952, dois achados arqueológicos mudaram esse cenário de dúvida e ignorância: a descoberta dos manuscritos da caverna 4, em Qumran;²¹ e a descoberta de um rolo do Nahal Hever, com os Profetas Menores (em grego), no deserto da Judéia.

Antes desses dois achados, sempre quando se discutia acerca das divergências entre o TS e o TM, dava-se prioridade ao TM considerado como *Hebraica veritas* (ainda que, por muito tempo, por causa da carência de manuscritos antigos, se tenha emendado o texto hebraico mais com a imaginação do que com evidência crítico-textual segura, conforme afirma Unger²²). Assim, enquanto alguns procuravam emendar os possíveis defeitos do TM a partir das evidências provenientes da LXX, a maioria optava por priorizar aquele.

Essa posição parecia solidamente sustentada e, quando foram publicados os dois rolos de Isaias obtidos na caverna 1 de Qumran (1QIsa^a e 1QIsa^b), textos mil anos mais velhos do que os manuscritos existentes do TM, verificou-se que tais documentos não estavam aparentados como o protótipo hebraico da LXX. Tais textos eram, por conseguinte, pertencentes a uma tradição proto-massorética. O resultado dessas conclusões levou a uma vindicação, temporária, mas plena do TM.

Contudo, esse panorama sofreu uma mudança drástica com a descoberta dos documentos da caverna 4 e subseqüentes cavernas. Esses rolos escritos em hebraico evidenciam um parentesco muito grande com a LXX.²³ Além disso, foram também encontrados ali alguns manuscritos gregos: 7Q1 (Êxodo), 4QLXXLev^{a,b} (Levítico) e 4QLXXNum (Números) que, embora pré-cristãos, demonstram a mesma tradição septuagíntica do Novo Testamento.

Dessa forma, ficou demonstrado que as principais diferenças entre o TM e a LXX não resultam do processo tradutório, mas do fato de o TM e o TS seguirem tradições textuais diferentes, mas ambas igualmente antigas. De fato, os estudos

²⁰De fato, como se vai ver mais abaixo, não se trata de traduções novas e independentes, mas de recensões do chamado texto KR.

²¹Khirbet Qumran, situado a cerca de sete milhas ao sul de Jericó, em um plateau na costa ocidental do Mar Morto, é um dos mais prolíficos sítios arqueológicos de todos os tempos. Ali, entre 1951 e 1954, foi escavado o centro da comunidade essênica, que floresceu desde 110 aC até a época de Herodes, o Grande (cerca de 37 aC), e, mais tarde, entre 6 e 68 AD.

²²Merrill F. Unger, "Significance for Biblical Studies of the New Testament Finds: Part II - Great Archeological Discoveries: Their Bearing on the Old Testament." *Bibliotheca Sacra* 113: 450 (abril de 1956), 119.

²³Segundo Combs, 257-258, 4QSam^a e 4QSam^b (1 e 2 Samuel), 4QEx^a (Êxodo), 4Qdt^a (Cântico de Moisés) e 4QJer^b demonstram muita afinidade com o TS.

com respeito aos fragmentos de I Samuel evidenciaram que o livro tem manuscritos da Tradição Palestina muito semelhantes à Vorlage²⁴ de seu tradutor, e que, afinal de contas, a versão para a LXX havia sido cuidadosamente feita a partir de tal Vorlage.

Apesar de essa conclusão ser fundamentada com consistência, sua validade poderia ser questionada porque os documentos mencionados são consideravelmente fragmentários. Contudo, a análise do rolo grego com os Profetas Menores veio corroborá-la inteiramente. Esse rolo que data de um período entre 50 aC e 50 AD não contém um TS padrão, mas uma recensão de uma versão em grego antigo (que mais tarde se desenvolveu e se transformou no TS citado no NT) a fim de harmonizá-la com uma tradição hebraica proto-massorética. Essa recensão tem sido chamada de Recensão Kaige (doravante, RK), por sua tendência de empregar a expressão grega *kaige* (em vez de usar simplesmente a conjunção aditiva *kai*).

As contribuições mais importantes das descobertas de Qumran e RK são:

a) mostrar que, por causa de sua grande afinidade com as traduções de Áqüila, de Teodocio e de Símaco, estas podem se ter originado de um TS mais arcaico e não de uma tradição massorética;

b) evidenciar a existência de um proto-texto para a LXX, denominado de **Ur-Septuaginta**, ao qual remontam todos os manuscritos septuagínticos e que, possivelmente, suas variantes se devem a uma tentativa de harmonizar o TS ao texto hebraico que foi historicamente mais susceptível de alterações (como, por exemplo, a RK).

Com isso, atualmente os eruditos descartam definitivamente a chamada Hipótese de Targum,²⁵ segundo a qual a LXX não teria sido oriunda de um único esforço tradutório, mas, a exemplo do que ocorreu com a versão aramaica do AT, teriam sido produzidas diversas traduções em diversos lugares, com a finalidade de suprir as necessidades conforme estas surgiam. Os estudos realizados por Barthélemy nos profetas menores provaram definitivamente que inicialmente havia uma única versão septuagíntica e que as variantes encontradas à época do NT eram o resultado das diferentes recensões.²⁶

Um grande desafio ainda resta para os peritos do TS, definir qual tenha sido, de fato, o local em que se processou tal esforço tradutório: se na Palestina ou no Egito. De uma coisa, porém, estão certos, a tradição do texto hebraico que foi seguida pelos tradutores não foi a Tradição Palestina (que prevaleceu até o séc. V aC, na Palestina, e à qual pertence a maioria dos documentos hebraicos de Qumran), nem a Tradição Babilônica (desenvolvida, em Babilônia, por aqueles

²⁴Vorlage é um termo técnico que se refere ao texto básico usado por um pregador, exegeta, crítico, tradutor ou outro estudioso qualquer. Isso significa que as diferenças entre o TS e o TM podem ser explicadas pelo fato de ter o TS se baseado em um original hebraico diferente do TM. Ora, o TS em muitos casos apresenta uma variante preferível à do TM. Cf. Barrera, 302.

²⁵Cf. P. Kahle, "Untersuchungen zur Geschichte des Pentateuchtextes," *Opera Minora* (Toronto: 1964), 58-57.

²⁶D. Barthélemy, "Pourquoi la Torah a-t-elle été traduite en grec?" *Études d'histoire du text de l'Ancien Testament*, OBO 21 (Fribourg-Göttingen: 1978), 322-340.

que ali ficaram depois do retorno de Esdras; e que foi introduzida na Palestina por volta do séc. II a.C., tornando-se a base do TM), mas a tradição Egípcia (levada para o Egito por volta do séc. V aC).²⁷

Pelo menos aparentemente, no entanto, alguns elementos apontados por Harrison²⁸ favorecem uma proveniência egípcia do TS:

a) palavras egípcias são encontradas ocasionalmente no texto, como, por exemplo, *kondy*, “copo” (Gên. 44:2); *thibi*, “arca” (Êx. 2:3) e *papyro*, “papiro” (Jó 8:11);

b) palavras gregas são usadas sob a forma de estereótipos egípcios, como, por exemplo, *apheseis hydaton*, em Joel 1:20, que é uma referência aos canais familiares aos moradores do Egito; e, em Gên. 50:2, o termo usado para médico é *entaphiastês*, que se refere aos embalsamadores egípcios.

A história do TS pode ser resumidamente esquematizada da seguinte forma:

1) Tradução da LXX, isto é, a Versão Grega Antiga (iniciada por volta de 250 aC, no Egito);

2) Recensão Proto-Luciana no séc. II ou I aC, buscando harmonizar a Versão Grega Antiga com a Tradição Palestina do Texto Hebraico;

3) Recensão Proto-Teodociônica/KR (no princípio da Era Cristã), a fim de harmonizar a Versão Grega Antiga ou a Recensão Proto-Luciana com o texto Proto-Massorético;

4) Recensões de Áqüila, Teodocio e (provavelmente) Símaco de KR (séc. II AD), buscando harmonização com o TM;

5) Recensões cristãs feitas por Orígenes (Hexapla²⁹), Luciano e Hesíquio (séc. III AD).

A Língua Franca do Período Neo-testamentário

A língua e a literatura gregas eram tão influentes na Palestina, nos dias do NT, que uma instituição tão caracteristicamente judia como o sinédrio tinha um nome grego: *synédrión* e Paulo cita um provérbio de Menandro em I Cor. 15:33 como se fosse algo bastante natural.

Argyle mostra que palavras gregas impregnavam o hebraico/aramaico nos tempos de Jesus e dos apóstolos: *Kyrios* era uma palavra amplamente usada como forma de tratamento e havia palavras técnicas típicas dos diversos

²⁷ Apesar disso, deve ser salientado o fato de que as três tradições se encontram representadas nos achados de Qumran.

²⁸ Harrison, 345.

²⁹ Orígenes organizou os textos hebraicos e gregos de que dispunha em uma Bíblia de seis colunas: o texto hebraico de seu tempo, a transliteração grega desse texto hebraico, a versão de Áqüila, a versão de Símaco, a LXX e, finalmente, a versão de Teodocio. Sua obra, com o propósito de ser usada nas polêmicas contra os judeus, trouxe muita confusão à história do TS, pois seu TS era uma correção com vistas a uma harmonização com o TM e esse texto muito corrompido passou a circular (conhecido hoje como texto hexaplar) de forma independente (isto é, sem as outras colunas • que eram muito longas para serem copiadas: cerca de 6.500 páginas). Não se dispõe hoje da Hexapla completa, presumivelmente destruída, em 638, na cidade de Cesaréia; o que se tem é uma versão siríaca traduzida por Paulo de Tela.

contextos culturais daquela época e lugar.³⁰ No jargão jurídico era comum o emprego de expressões gregas adaptadas ao hebraico como, por exemplo, “katigor” (do grego para “acusador”) e “listis” (do grego para “criminoso, ladrão”).³¹ Da mesma forma, termos gregos eram usados comumente no vocabulário técnico das profissões e do comércio.

Na Galiléia dos Gentios, a maioria da população falava grego. Na carpintaria de José, por exemplo, Jesus recebia fregueses que, com muita certeza, falavam grego. Simão, André, Tiago e João precisavam falar grego para vender seu peixe. Assim, Jesus e os discípulos, como galileus (At. 2:7), devem ter falado tanto grego quanto aramaico.

Um outro empréstimo curioso é o de “hipócrita”. A palavra tem como sentido básico a noção de “ator, aquele que representa um papel.” Como o teatro era proibido para os judeus, não há registros de um equivalente hebraico para essa palavra. Portanto, como se trata de um termo freqüentemente usado por Jesus, isso pode significar que, no mínimo, Jesus temperava seus discursos aramaicos com palavras gregas. Dessa forma, percebe-se que o grego coiné era a “língua franca” não somente do mundo civilizado de um modo geral, mas também da Palestina, nos dias do NT.

A Importância Histórica da LXX

Alguns fatores atestam a importância da LXX. Em primeiro lugar, muitas comunidades lingüísticas derivaram sua Bíblia da LXX³² e não do texto hebraico, como é o caso da Siríaca, Coptica, Armênia, Aramaica Palestina, Geórgica, Gótica, Árabe, Etíope, Eslava e Velha Latina (diferentemente da Vulgata, que tomou por base tanto o texto hebraico quanto o TS). Em segundo lugar, muitos pais da Igreja não eram fluentes em hebraico e, por isso, liam a LXX e construíam suas homilias a partir dela. Em terceiro lugar, pode-se acrescentar que os grandes códices de que a Cristandade dispõe (Aleph, B, A e C) contêm todos o texto grego da LXX (incluindo, pelo menos, parte dos livros apócrifos³³).

Em quarto lugar, acrescenta-se a isso que as principais polêmicas teológicas dos primeiros séculos quanto a passagens do Antigo Testamento foram travadas à luz da LXX. Isso ocorreu, por exemplo, com as disputas arianas acerca de Provérbios 8:22. Na LXX, a passagem apresentava-se assim: “O Senhor me

³⁰A. W. Argyle, “Greek Among the Jews of Palestine in New Testament Times.” *New Testament Studies*, (outubro de 1973), 87-89.

³¹Usado em Mat. 27:38.

³²Cf. Metzger, 40.

³³Essa inesperada inclusão dos apócrifos pode ser explicada com a justificativa de que era comum que os manuscritos bíblicos tivessem como apêndices até textos com *status* inferior ao dos apócrifos como, por exemplo, O Pastor de Hermas, a primeira Epístola de Clemente, a Epístola de Barnabé, etc. Uma outra suposição seria de que tal inclusão fosse oriunda das condições bibliográficas da época: os diversos rolos eram guardados numa mesma caixa e isso pode ter dado a impressão de que tinham o mesmo status. Então, quando os rolos passaram a ser reunidos em único volume, todos eles foram incluídos. Cf. Harrison, 347-348.

criou como (o) princípio de seus caminhos para suas obras; antes do tempo ele me estabeleceu (fundou), no princípio antes de fazer a terra...” Na controvérsia, o verbo “criou” foi tomado pelos arianos como evidência de que Cristo havia sido criado. Atanásio procurou superar essa dificuldade, afirmando que se tratava da criação da humanidade de Cristo. Para evitar esse problema, a Vulgata acabou traduzindo o verbo grego pela forma latina *possedit*, e isso tem influenciado algumas versões modernas. No entanto, os críticos³⁴ entendem que a tradução do vocábulo hebraico é mais fiel na LXX do que na Vulgata.³⁵

Em quinto lugar, os escritores do Novo Testamento, com a exceção de Lucas, eram hebreus que escreviam em língua grega. Ora, nada seria mais natural que recorressem ao texto da LXX (que já estava em grego e lhes dispensaria o esforço tradutório) para as citações que desejassem fazer do Antigo Testamento. Esse é, predominantemente, o método de citação que se encontra no Novo Testamento. No entanto, há certas situações que justificavam o recurso ao texto hebraico: isso se deu com toda segurança, por exemplo, com Mateus 8:17. No contexto das curas realizadas por Jesus, Mateus não recorreu ao TS que implicaria que Jesus traria sobre Si os pecados dos homens durante Seu ministério e não apenas em Sua morte. Em vez disso, preferiu citar o texto hebraico que tinha uma expressão mais amena: “enfermidades”.

Esse uso abundante de citações septuagínticas no Novo Testamento leva à pergunta: a comunidade cristã primitiva considerava o TS como portador do mesmo grau de inspiração do texto hebraico? Talvez não, mas dificilmente o consideraria menos inspirado do que, hoje, os falantes do português consideram a Versão Almeida.

A importância crucial da LXX para a compreensão do Novo Testamento é hoje um fato bem estabelecido. Alguns estudiosos chegaram a antecipar esse fato. Kittel, por exemplo, ao produzir seu monumental *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, organizou o mesmo sob a forma de um estudo lexical partindo tanto do pano de fundo judaico, quanto do clássico, helenístico e septuagíntico.

Metzger se pronunciou acerca de sua importância com as seguintes palavras:

Não apenas ela é a mais antiga, mas também uma das mais valiosas traduções da Antigüidade. Tanto se consideramos sua fidelidade ao original, sua influência sobre os judeus para quem ela foi preparada, sua relação com o grego do NT, quanto se consideramos seu lugar na Igreja Cristã, ela aparece proeminentemente pela luz que faz incidir sobre o estudo das Escrituras.³⁶

Finalmente, se pode deduzir a importância da LXX do fato de, até hoje, ser a versão autoritativa do Antigo Testamento para a Igreja Ortodoxa Grega.

³⁴Como, por exemplo, Harrison, 351.

³⁵Uma prova disso é que, em Gên. 14:19 (um texto alheio à polémica), a Vulgata apresenta, corretamente, *creavit*.

³⁶Metzger, 37.

A Importância da Septuaginta Como Fonte para os Autores do NT

Decididamente a Bíblia do período neotestamentário era a versão grega realizada por cerca de 70 sábios, em Alexandria, durante o reinado de Filadelfo (285-247 aC).³⁷ A leitura das Escrituras ainda era feita em hebraico nas sinagogas da Palestina, mas fora dali, nas sinagogas da diáspora, o texto lido era o dessa versão grega conhecida como Septuaginta.

Já na época da realização da LXX, o texto hebraico continha algumas dificuldades. Falando, por exemplo, acerca de Ezequiel 1:7, Halperin afirma que “o tradutor da LXX [estava] evidentemente preparado para preencher lacunas no texto hebraico.”³⁸

Tomando, de modo geral, o livro de Ezequiel como exemplo, pode-se afirmar que seu Texto Massorético é tão problemático, que a maioria dos comentaristas acredita que a LXX preserva o texto mais curto e mais original. Além disso, os críticos textuais argumentam que o texto da LXX “é superior e emendam o texto hebraico com base nele.”³⁹

Apesar de ter sido amplamente aceita pelas comunidades judia e cristã dos primeiros séculos de nossa era, há algumas dificuldades que têm impedido uma maior aceitação hoje da LXX como instrumento fundamental de compreensão do Antigo Testamento:

O grego peculiar da LXX, mais adaptado à sintaxe hebraica do que à grega. A LXX encontra-se permeada de “traducionismos,” isto é, dificuldades lingüísticas ocasionadas pela versão da língua fonte para a língua alvo. Um exemplo clássico de tais dificuldades é a pergunta feita por Davi a Urias, em 2 Samuel 11:7: “Vindo Urias a ele, perguntou este como passava Joabe, e como estava o povo, e como ia a guerra.” É interessante notar que, quando Davi indagou acerca do estado da guerra, a palavra por ele empregada foi *shalom*, que ordinariamente significa “paz”, e, por isso, a pergunta foi vertida, na LXX, “como ia a paz da guerra”. O TS fica incompreensível para um falante não judio da língua coiné, pois parece uma formulação contraditória: como Davi lhe poderia indagar acerca da “paz da guerra”?

No entanto, apesar de reconhecer tal dificuldade, J. A. L. Lee declara que o grego da LXX é o grego do período: “não há o que se chama de grego judaico.”⁴⁰ Segundo ele, o que há, de fato, é apenas uma diferença de fases. Enquanto, de um modo geral, o grego helenístico apareceu com um desenvolvimento trifásico, as comunidades judaicas necessitaram uma quarta fase para sua assimilação mais completa.

As três fases apontadas para dar conta da expansão da coiné são:

³⁷De fato, essa data se aplica à tradução do Pentateuco, mas a tradução dos demais livros logo se seguiu.

³⁸David J. Halperin, “Merkabah Midrash in the Septuagint.” *Journal of Biblical Literature* (setembro de 1982), 363.

³⁹*Ibid.*, 351.

⁴⁰J. A. L. Lee, *A Lexical Study of the Septuagint Version of the Pentateuch* (Chico, Califórnia: Scholars Press, 1983).

a) período incipiente: caracterizado pela presença de exércitos mercenários gregos sob os moldes da *Anábase*, de Xenofonte;

b) período de estabilização: sob a administração e expansão bélica de Alexandre;

c) período de apogeu: contemporâneo à ampla circulação de papiros dessa época em diante.

O quarto período associado ao judaísmo seria o da assimilação dessa língua na liturgia das sinagogas da diáspora. A partir de então, passa a haver uma helenização dos manuscritos da LXX. Uma evidência disso é o fato de que, desde essa época, há uma tendência para a inclusão da partícula conjuntiva grega *dé*, de valor coloquial, em tais manuscritos. O que teria havido, então, seria que, escrita num período mais anterior da expansão da coíné, a LXX preserva características da língua hebraica que, mais tarde, não são preservadas no uso que os judeus faziam da língua grega.

Dificuldades crítico-textuais. Não somente há dificuldades crítico-textuais na LXX, mas, de acordo com James Barr, “a maioria dos eruditos neotestamentários não tem ciência de tais dificuldades.”⁴¹ O livro de Isaías, por exemplo, é frequentemente citado no NT. No entanto, é bem sabido que, enquanto o *Codex Vaticanus* (B) é considerado um bom testemunho documental, quanto a Isaías ele é um testemunho Hexaplar, isto é, ele foi revisado por Orígenes a fim de ser harmonizado com o texto hebraico.

De fato, todas as leituras hexaplares são, com muita probabilidade, diferentes do texto grego do Antigo Testamento empregado nos tempos do Novo Testamento. Por isso, o texto de Isaías 28:16 citado em Romanos 9:33; 10:11 e 1 Pedro 2:6 tem o “acréscimo” da frase *ep’ autô* (“nEle”), ausente em B. Contudo, não se trata realmente de acréscimo, pois tais palavras aparecem em outros manuscritos.

O TS da edição crítica de Alfred Rahlfs⁴² é considerado um texto razoável uma vez que o estudioso, juntamente com Ziegler, é um especialista de vasta experiência na LXX⁴³ (ainda que, com isso, não se esteja dizendo que sua edição tenha sido metodologicamente perfeita ou totalmente exaustiva, isto é, que tenha cotejado os manuscritos de forma a cobrir todas as possíveis variantes).

A fixação tardia tanto do texto grego quanto do texto hebraico. Segundo E. E. Ellis, tanto a fixação do texto hebraico quanto a do texto grego não ocorreram até o período do Segundo Templo.⁴⁴

Disputas acerca do literalismo da tradução. A tradução de Isaías, por exemplo, é excessivamente livre e, por isso, o livro pouco se presta, na LXX, a uma comparação crítico-textual com o TM (embora isso forneça elementos importantíssimos para a compreensão da exegese rabínica de então). Por outro

⁴¹James Barr, “Paul and the LXX: A Note on Some Recent Work.” *The Journal of Theological Studies*, (outubro de 1994), 594.

⁴²Alfred Rahlfs, *Septuaginta* (Stuttgart, Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart, 1979).

⁴³Cf. Barr, 599.

⁴⁴E. E. Ellis, *Paul’s Use of the Old Testament*. Citado por Barr, 598.

lado, a tradução de Eclesiastes é tão literal que chega a ser incompreensível para quem não compreenda o hebraico. Em contrapartida, Provérbios e Jó têm traduções de excelente qualidade (embora difiram do TM). Por outro lado, talvez por causa de suas muitas recensões litúrgicas, o livro de Salmos oscila entre boas traduções e outras extremamente literais.

Essas diferenças na literalidade da tradução dos diversos livros pode, segundo Barrera, refletir um processo histórico. As traduções menos literais seriam mais antigas, reminiscências de uma época em que a cultura judaica estava aberta às influências helênicas. As traduções mais literais seriam o resultado de esforços tradutórios ou recensões mais recentes, oriundas de uma época em que o judaísmo se fechava para as influências externas.⁴⁵

Da mesma forma, a questão concernente às citações septuagínticas no Novo Testamento, no que dizem respeito a suas divergências em relação aos manuscritos da LXX, é que, provavelmente, elas ocorreram numa época anterior a esses manuscritos e às várias revisões que sofreram.

Pode-se dizer que a evidência textual septuagíntica não é tão incerta que se torne comprometedor; não obstante, ao citarem a LXX, com muita probabilidade, os escritores do Novo Testamento, especialmente Paulo, seguiram a fraseologia da Vorlage de que dispunham e não as palavras do TS como se encontram nas edições críticas de que dispomos.⁴⁶

Conclusão

Destarte, por todos argumentos apresentados acima, pode-se dizer que, mesmo a despeito de algumas dificuldades (como, por exemplo, a pouca atenção crítico-textual ao TS), a LXX é uma das mais confiáveis fontes para o desenvolvimento de uma teologia bem fundamentada.

A LXX não apenas apresenta um texto de tradição superior, mas também apresenta uma história tão emocionante que, por essa razão, não lhe pode faltar um lugar de destaque nos procedimentos exegéticos para a compreensão da mensagem integral do Cristianismo.

Por isso, pode-se asseverar sua importância por duas razões principais: seu valor crítico como tradução de um original hebraico diferente do TM, e por seu valor exegético como uma tradução que reflete as tradições de interpretação da teologia do judaísmo helênico.

⁴⁵Cf. Barrera, 318-323.

⁴⁶Essa posição pode ser corroborado, por exemplo, pelo estudo feito por Barr com respeito à palavra *exomologēsetai* ("confessará"), em Is. 45:23.